

“A Braskem passou por aqui”: discurso, poder e práticas de resistência à megamineração em Alagoas

“Braskem has passed through here”: discourse, power and practices of resistance to mining in Alagoas

Paulo dos Santos Nascimento

Universidade Federal de Alagoas

Paulo dos Santos Nascimento

O autor é baiano, e tem formação em Psicologia (graduação e mestrado) pela UFAL. Atua como psicoterapeuta humanista (Abordagem Centrada na Pessoa), como psicólogo escolar e como professor de Psicologia no ensino superior. É doutorado em Linguística pela Faculdade de Letras do (FALE) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), com interesse em temas como a saúde mental de vítimas de desastres e o discurso da/sobre a megamineração no Brasil. Universidade Federal de Alagoas – UFAL
ORCID do autor: 0000-0002-8824-5066

Recebido em:
17/10/2022

Aceito em:
06/05/2023

MAI / JUL 2023
ISSN 2317-9945 (ON-LINE)
ISSN 0103-6858
P. 7-19

RESUMO

Em filiação aos referenciais teóricos e analíticos da Análise de Discurso (AD), concebida por Michel Pêcheux e Eni Orlandi, esse trabalho tem como objetivo produzir um gesto de interpretação do discurso presente no documentário *A Braskem passou por aqui*, dirigido por Carlos Pronzato. Tomando como referência as disputas discursivas ocasionadas pelo crime socioambiental da empresa de mineração Braskem na cidade de Maceió, tornado público a partir do ano de 2018, nossas análises situam o discurso do documentário *A Braskem passou por aqui* enquanto um discurso de natureza polêmica-política. Neste tipo de discurso a polissemia é controlada, o referente é disputado pelos interlocutores, e estes se mantêm em presença, numa relação tensa de disputa pelos sentidos (ORLANDI, 2020). Em decorrência disto, nossos gestos de interpretação reconhecem no discurso do documentário *A Braskem passou por aqui* o exercício da resistência, em face dos sentidos colocados em circulação pela Braskem, sobretudo por meio dos grandes veículos de imprensa locais, relacionados à suas atividades de mineração na cidade de Maceió.

PALAVRAS-CHAVE

Discurso. Mineração. Crime socioambiental. Poder. Resistência

ABSTRACT

In line with the theoretical and analytical frameworks of Discourse Analysis (DA), conceived by Michel Pêcheux and Eni Orlandi, this work aims to produce a gesture of interpretation of the discourse present in the documentary *Braskem has passed through here*, directed by Carlos Pronzato. Taking as a reference the discursive disputes caused by the socio-environmental crime of the mining company Braskem in the city of Maceió, made public in 2018, our analyzes place the discourse of the documentary *Braskem has passed through here* as a discourse of a polemical-political nature. In this type of discourse, polysemy is controlled, the referent is disputed by the interlocutors, and they remain in presence, in a tense relationship of dis-

pute over the meanings (ORLANDI, 2020). As a result, our interpretation gestures recognize in the discourse of the documentary *Braskem has passed through here* the exercise of resistance, in the face of the meanings put into circulation by Braskem, especially through the major local press vehicles, related to its mining activities in city of Maceió.

KEYWORDS

Discourse. Mining. Socio-environmental crime. Power. Resistance

1. Introdução

A cidade de Maceió, capital do estado de Alagoas, tem convivido desde 2018 com o que se tem reconhecido como sendo o maior crime socioambiental em área urbana em curso no mundo (GALINDO, 2021). Estamos nos referindo aos efeitos devastadores produzidos pela atividade de megamineração da empresa Braskem S.A., relativos à exploração de sal-gema no subsolo de cinco bairros da capital alagoana. Esses efeitos têm a ver com a instabilidade dos solos dos bairros Farol, Pinheiro, Bom Parto, Mutange e Bebedouro, e o conseqüente clima de insegurança geológica que tem produzido, desde então, um deslocamento compulsório dessas populações para diferentes partes da cidade e para outras localidades. Até a produção deste trabalho, os números sugerem que mais de 60 mil pessoas foram atingidas diretamente por esses fatos, podendo ser consideradas como refugiadas ambientais.

Apesar de não ter a mesma repercussão midiática dada a outros crimes socioambientais produzidos por mineradoras no Brasil nos últimos anos – dentre os quais destacamos os crimes das mineradoras Samarco S.A. e da Vale do Rio Doce nas cidades de Mariana-MG e Brumadinho-MG, respectivamente –, os fatos ocorridos em Maceió têm suscitado uma grande movimentação discursiva, na qual estão inscritos diferentes sujeitos de enunciação. Dentre estes, deve-se mencionar o estado, as representações organizadas das comunidades atingidas, alguns movimentos sociais, os órgãos das diferentes modalidades de imprensa, e a própria empresa Braskem S.A. É importante pontuar desde já, que historicamente existe um investimento importante por parte do setor de mineração no Brasil em relação à comunicação pública, com a finalidade de fazer circular socialmente certos sentidos relacionados aos seus papéis nas forças produtivas da sociedade brasileira. Essa tem sido também a praxe para a empresa Braskem S.A., desde que se instalou em Alagoas na década de 1970. Como discutiremos neste artigo, compreender este pano-de-fundo é fundamental para uma análise das práticas de resistência que estarão sob nossa atenção.

Tomando como referência a Análise de Discurso de base materialista (doravante AD), proposta a partir dos trabalhos de Michel Pêcheux e Eni Orlandi, este artigo tem como objetivo analisar alguns aspectos do documentário *A Braskem passou por aqui: a catástrofe de Maceió*, produzido por Carlos Pronzato, e disponibilizado na plataforma YouTube Brasil desde agosto de 2021. Gostaríamos de situar o referido documentário no contexto da movimentação discursiva que aludimos acima, para demonstrar, em diálogo com as considerações de Pêcheux (1975), como os processos discursivos são parte inerente às dissimetrias de classe que caracterizam as formações sociais capitalistas. Além disso, tomando algumas sequências

discursivas presentes neste documentário, este artigo pretende argumentar acerca do caráter polêmico-político desta materialidade simbólica, situando-a como uma forma de resistência da classe trabalhadora nos antagonismos de classe presentes historicamente na sociedade alagoana.

2. As condições de produção do discurso da mineração em Alagoas

Desde sua fundação nas décadas de 1960 e 1970, a AD vem propondo que seu objeto – o discurso – seja compreendido como parte constitutiva da dimensão material que estrutura a dinâmica das distintas formações sociais. Dessa forma, o discurso não é mero efeito simbólico da materialidade da vida, como se poderia depreender de um modo apressado a partir da noção marxista de *superestrutura*, mas a própria materialidade da vida em movimento. Como nos lembra Orlandi (2016, p. 13), ele precisa ser concebido como “matéria e movimento”. É desse modo que se pode afirmar que “a materialidade específica da ideologia é o discurso, e a materialidade específica do discurso é a língua” (id. *ibid*). Embora os trabalhos de Eni P. Orlandi venham dando enorme contribuição e fazendo avançar significativamente a compreensão das relações entre discurso, língua e história, já em Pêcheux (1975, p. 82), especialmente em *Semântica e discurso*, essas relações estão desenvolvidas no sentido de que “não há processo discursivo que não esteja inscrito em relações ideológicas de classe.”

Uma vez que os processos discursivos são parte constitutiva da maneira como as formações sociais estão organizadas, não é possível efetuar uma análise de seu funcionamento sem que se vá primeiramente às suas *condições de sua produção*. Conforme Orlandi (2006, 2020), a noção de condições de produção envolve os sujeitos e a situação, e tem sido descrita em duas instâncias: em seu sentido estrito (imediato) e em seu sentido lato. Em seu sentido estrito e imediato, as condições de produção estão associadas às circunstâncias específicas da enunciação, isto é, à situação concreta e pontual onde o(s) dizer(es) se dá(ão). Já em seu sentido lato está compreendido o contexto sócio-histórico e ideológico mais amplo que se relaciona com tais circunstâncias, e que em função disso também precisa ser discernido.

Em seu sentido lato, as condições de produção que marcam os processos discursivos de que nos ocupamos neste artigo estão vinculadas aos modos de produção do sistema capitalista pertencentes ao setor da grande mineração, e do que se convencionou chamar de neoextrativismo (SVAMP-PA, 2020). Presentes nas práticas de expropriação dos recursos naturais nos chamados países periféricos desde o período colonial (GALEANO, 1983; ARÁOZ, 2020), o grande extrativismo do setor de mineração tem estado associado à ideologia do desenvolvimento e da apropriação privada dos bens da natureza, a despeito dos limites socioambientais dos contextos onde está presente. Na atualidade, apesar de uma intensa discursividade presente nesse setor produtivo associada ao discurso do “desenvolvimento sustentável” (NASCIMENTO & SILVA SOBRINHO, 2022), os crimes socioambientais decorrentes dessas atividades extrativistas têm se tornado cada vez mais frequentes, com consequências muito dramáticas para comunida-

des tradicionais, rurais, e também no contexto das cidades¹.

Já em seu sentido estrito e imediato, as condições de produção das discursividades que pretendemos analisar estão associadas ao crime socioambiental cometido pela empresa de mineração Braskem S.A. na cidade de Maceió, tornado visível a partir de fevereiro de 2018. Esse crime socioambiental tem relação com a subsidência dos solos provocada pela extração de sal-gema em mais de 40 anos de exploração dos solos dos referidos bairros maceioenses. Em consequência dos efeitos da subsidência² (RUIZ et al., 2014) dos solos nestes bairros – crateras, fendas, fissuras, trincas e rachaduras espalhadas nas vias públicas e nas edificações –, desde 2018 tem ocorrido um processo de êxodo e de esvaziamento compulsório dessas populações para outras regiões da cidade de Maceió e do estado de Alagoas. De acordo com Galindo (2021), estaríamos aqui nos referindo ao “maior crime socioambiental em curso no mundo, cometido em área urbana”.

Distintamente de outros crimes socioambientais cometidos por grandes empresas mineradoras no Brasil contra comunidades de trabalhadores e trabalhadoras (tais como Mariana e Brumadinho, por exemplo), os fatos ocorridos em Maceió têm tido uma repercussão midiática muito desproporcional à sua gravidade. Esse relativo silêncio, que também deve ser considerado como um dos aspectos do funcionamento da ideologia (ORLANDI, 2007), pode ser notado até mesmo no campo das produções acadêmicas. Importantes trabalhos, como o livro *Mineração, genealogia do desastre*, do pesquisador argentino Horacio M. Aráoz, ao listar os principais conflitos deflagrados pela atividade de mineração contra diferentes comunidades latino-americanas, ignora os acontecimentos relacionados à Braskem S.A. na cidade de Maceió (ARÁOZ, 2020).

3. Discurso e dissimetria nos antagonismos de classe

Na terceira parte de *Semântica e discurso*, dedicada às relações entre discurso e ideologia, Pêcheux se dedicará a explicitar o funcionamento das condições ideológicas da reprodução/transformação das condições de produção nas formações sociais capitalistas. É nesse contexto que sua discussão aponta para o caráter absolutamente dissimétrico do antagonismo de classes e das lutas daí derivadas. Assim nos diz esse filósofo: “a forma da contradição inerente à luta ideológica entre as duas classes antagonistas não é *simétrica*, no sentido em que cada uma tenderia a realizar, em proveito próprio, *a mesma coisa* que a outra (PÊCHEUX, 2015, p. 134, grifo do autor).

Partindo dessa premissa, gostaríamos de iniciar nossos gestos de análise situando como essa dissimetria se faz presente nas materialidades linguísticas que ora nos propomos analisar. Desse modo, partimos da as-

1 Dentre os inúmeros exemplos que poderiam ser aqui evocados, cabe mencionar os casos mais noticiados envolvendo as comunidades de Mariana (2016) e Brumadinho (2019), ambas em Minas Gerais, atingidas pela atividade das mineradoras Samarco e Vale do Rio Doce, respectivamente.

2 A subsidência é um fenômeno de rebaixamento da superfície do terreno devido às alterações ocorridas no suporte subterrâneo. O fenômeno ocorre em diversos lugares do mundo devido à extração de água, petróleo, de gás e de outros minerais do subsolo

sertiva de que o discurso presente no documentário *A Braskem passou por aqui: a catástrofe de Maceió* não pode ser analisado sem que antes ele seja devidamente situado nos jogos de força que mobilizam os diferentes atores sociais envolvidos com os interesses da exploração de minerais na cidade de Maceió. Desde que as subsidências dos solos dos bairros afetados tiveram seu início em 2018, seguidas do processo paulatino de desocupação forçada das populações aí residentes, iniciou-se concomitantemente uma intensa disputa de sentidos em torno desses eventos, mobilizada por diferentes sujeitos de enunciação presentes no poder público (executivo e judiciário), no campo da iniciativa privada (com a empresa Braskem S.A.), na sociedade civil (moradores, associações de bairro, associações de comerciantes etc.), e também em amplos setores da comunicação midiática (televisiva, impressa e digital).

Essa movimentação de sentidos, quando analisada, torna evidente as dissimetrias apontadas por Pêcheux acima, características dos antagonismos de classe presentes nas formações sociais capitalistas. Conforme Araújo (2020), tem sido prática histórica comum a produção de uma *saturação de sentidos* por parte dos grandes grupos mineradores na América Latina nos locais de atividade extrativista, por meio da cooptação de amplos instrumentos de comunicação de massa. De acordo com este autor:

[A] publicidade pró-mineração dos governos e das empresas inunda até a saturação o diversificado espaço semiótico de nossa época, com páginas inteiras de jornais e revistas, folhetos, propagandas na televisão e até emissoras de rádio próprias; logotipos de mineradoras em tantas obras públicas quantas estiverem em execução, de escolas a templos, passando por hortas, hospitais e rodovias (ARAÚJO, 2020, p. 40).

Pensando de um modo especial nos dilemas socioambientais desencadeados pela atividade de extração de sal-gema na cidade de Maceió desde 2018, as dissimetrias de classe se expressam – também – pelo acesso desigual aos meios de comunicação, quando se trata da disputa de sentidos acima referida. Por exemplo, enquanto as comunidades atingidas manifestam seu descontentamento e sua denúncia por meio de inscrições nos muros e fachadas das edificações abandonadas, ou por meio de tímidas manifestações nas redes sociais, o capital minerador tem disposto de amplos veículos de comunicação midiática, que lhe possibilitam um alcance no tempo e no espaço absolutamente mais poderosos. Como já havia sugerido Cavalcante (2020), a empresa Braskem S.A. em Alagoas possui um histórico de ampla utilização de recursos de comunicação midiática voltado para minimizar acidentes, desresponsabilizar-se por crimes socioambientais, e intervir na opinião pública transmitindo a imagem de “empresa parceira dos alagoanos”.

Em conformidade com esse histórico, desde 2018 a Braskem S.A. tem se utilizado de variados instrumentos de mídia, tais como páginas na internet com materiais digitais para ampla circulação, diferentes redes sociais (YouTube, Instagram, Facebook, Twitter), programas de rádio, e também recorrentes propagandas em TV aberta. Em outro lugar (NASCIMENTO; SILVA SOBRINHO, 2022), fizemos a análise de parte dessas materialidades, nas quais o sujeito enunciativo Braskem S.A. faz circular sentidos que lhe posicionam como “empresa parceira do Estado e da classe trabalhadora”, além

de fazer circular sentidos que situam esses acontecimentos como “eventos geológicos”, e, portanto, sem nexos causais com as atividades extrativistas de sua megamineração. Outras materialidades significantes, como o uso exaustivo da cor verde em materiais publicitários e em fachadas de departamentos da própria empresa, vinculam essas práticas à formação discursiva do que se tem chamado de “capitalismo verde” e ao discurso do “desenvolvimento sustentável”, sempre possibilitado pela apropriação privada dos ecossistemas e seus bens, ao custo da penalização de comunidades de trabalhadoras e trabalhadores nos contextos rural e urbano.

Para Orlandi (2020, p. 88) “não há texto, não há discurso que não esteja em relação com outros, que não forme um intrincado nó de discursividade. E a natureza dessas relações é importantíssima para o analista”. Assim sendo, nosso gesto de interpretação do documentário *A Braskem passou por aqui: a catástrofe de Maceió* busca não somente explicitar o discurso aí presente, mas afirmar seu caráter de resistência no contexto das dissimetrias que caracterizam o funcionamento da ideologia e do desenrolar dos antagonismos de classes que aí se expressa. Antes de qualquer coisa, é preciso tornar evidente que, em sua maioria, neste documentário os sujeitos do discurso estão posicionados como vítimas do processo produtivo do capital, por meio de seu braço vinculado ao neoextrativismo e à megamineração. Apesar da polifonia presente nessa materialidade significativa (moradores, pesquisadores, lideranças religiosas, agentes do poder judiciário etc.), a construção do documentário tem a finalidade de contrapor-se à narrativa da empresa Braskem S.A., que, como mencionamos acima, se faz por meio de diversificados mecanismos de mídia. Gostaríamos de situar, portanto, o documentário *A Braskem passou por aqui: a catástrofe de Maceió* como uma contra-narrativa de caráter político-polêmica (ORLANDI, 2020) presente na resistência ao discurso da megamineração em Alagoas.

4. O documentário *A Braskem passou por aqui...* como discurso polêmico-político

Embora não seja um dos procedimentos fundamentais na AD materialista, a proposição de tipologias pode se constituir como elemento importante para a consecução do dispositivo analítico em algumas situações. Segundo Orlandi (2020), são comuns as tipologias em AD, assentadas em diversificados critérios classificatórios. Desse modo, tomando-se como exemplo o critério das distinções institucionais, pode-se falar no discurso político, jurídico, religioso, jornalístico, pedagógico, médico etc. Há outros critérios pelos quais, segundo esta autora, podem-se construir categorias tipológicas que auxiliam a operacionalização do dispositivo de análise. No entanto, como nos adverte Orlandi (2020, p. 84), “o que interessa primordialmente ao analista são as propriedades internas ao processo discursivo: condições [de produção], remissão a formações discursivas, modo de funcionamento”. A ênfase nesses aspectos primordiais, por sua vez, conduz ao reconhecimento de três grandes formas de discurso que, ainda que não existam em estado puro, podem ser percebidas no funcionamento empírico das práticas discursivas. Para Orlandi (2020), essas três grandes formas são:

a. discurso autoritário: aquele em que a polissemia é contida, o referente está apagado pela relação de linguagem que se estabelece e o locutor se coloca como agente exclusivo, apagando também sua relação com o interlocutor;

b. discurso polêmico: aquele em que a polissemia é controlada, o referente é disputado pelos interlocutores, e estes se mantêm em presença, numa relação tensa de disputa pelos sentidos;

c. discurso lúdico: aquele em que a polissemia é aberta, o referente está presente como tal, sendo que os interlocutores se expõem aos efeitos dessa presença inteiramente não regulando sua relação com os sentidos (ORLANDI, 2020, p. 85, grifo do autor).

Gostáramos de destacar a polêmica como uma primeira grande característica do discurso presente no documentário *A Braskem passou por aqui: a catástrofe de Maceió*, justamente pelo fato de que, na construção do enredo dessa materialidade significativa, o referente – neste caso, os impactos socioambientais que atingiram os bairros maceioenses em questão – seja intensamente disputado pelos interlocutores envolvidos no problema. Como tentamos situar no tópico anterior, o discurso do presente documentário se apresenta como parte da luta ideológica que tem a ver com a disputa por sentidos frente à grande discursividade mobilizada por esses eventos, de um modo geral, e frente aos sentidos colocados em circulação pela empresa Braskem S.A., de um modo pontual. Essa disputa de sentidos pode ser explicitada em dizeres como o desta pescadora: “a mineradora está nos expulsando do nosso habitat e do nosso trabalho, que é a lagoa” (S/D 1), em que o uso do verbo *expulsar* mobiliza sentidos que resistem aos dizeres e aos sentidos presentes na ideia de “realocação”, utilizado de forma recorrente nas práticas discursivas do sujeito enunciador Braskem S.A. Nesta outra sequência discursiva, enunciada por um ex-morador do bairro do Bebedouro, pode-se perceber a mesma disputa por sentidos: “a Braskem roubou a minha casa, o meu lugar. Eu não consigo mais passar por lá porque eu sempre fico pensando assim: ‘esse era o meu lugar em Maceió’, e agora ele é propriedade da Braskem” (S/D 2).

Aqui, o verbo “roubar” situa o sujeito da enunciação na posição de vítima de um crime cometido pela empresa Braskem S.A., reforçando os conflitos semânticos em torno da retórica da “realocação” acima referida. Além disso, com os dizeres “esse era o meu lugar em Maceió”, que agora passa a ser “propriedade da Braskem”, esse sujeito de enunciação evoca os sentidos de expropriação de bens simbólicos como a identidade, que está para além da expropriação material. O “lugar das pessoas e suas comunidades”, espaço público de vivências compartilhadas socialmente, e referencial para identidades produzidas também socialmente, passa a ser propriedade privada de uma única empresa do setor de megamenirração. A ruptura desses vínculos aparecerá em outras enunciações no documentário em questão, no mesmo contexto dessa disputa de sentidos, estendendo os significados sobre esses eventos a outras dimensões materiais da vida, como o lugar do trabalho para as comunidades atingidas. É o que se pode perceber, por exemplo, nesta sequência discursiva: “isso aqui era a vivência da gente. Uns trabalhavam de carroça, outros no sururu. Ela [a Braskem] acabou com a vida da gente” (S/D 3).

Como se nota, esse sujeito de enunciação, ao se posicionar em face dos

eventos em questão, responsabiliza a empresa Braskem S.A. não somente em função das perdas materiais provocadas por sua atividade extrativista. Para além disso, nesta enunciação dimensões simbólicas como a identidade e o senso de comunidade (“a vivência da gente”) e a relação subjetividade/trabalho (“uns trabalhavam de carroça, outros no sururu”) são postas como alvos da violência da megamineração (“acabou com a vida da gente”). Como sabemos desde Marx e de Lucács, o trabalho é a atividade por meio da qual as pessoas interveem e transformam a natureza, ao mesmo tempo em que se transformam por meio dessa atividade, decorrendo daí sua condição “ser social”. O trabalho, portanto, é categoria fundamental para a compreensão dos processos de produção de identidades e de subjetivação, além de ser, em diferentes tradições do marxismo, categoria central para a compreensão da organização das distintas formações sociais. Assim sendo, ao significar os eventos em questão nos termos acima citados, esse sujeito de enunciação (S/D 3) resiste aos sentidos colocados em circulação pela ideia de “realocação”, proporcionando a reflexão sobre questões político-identitárias importantes, silenciadas pelas práticas discursivas da empresa Braskem S.A.

Como já sabemos desde Pêcheux (2015),

o *sentido* de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc., não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). (...) Isso equivale a dizer que as palavras, expressões, proposições etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas (PÊCHEUX, 2015, p. 146-147).

As formações discursivas (doravante FD) são a expressão na linguagem das formações ideológicas (doravante FI) que lhes subjazem. É delas e das posições ideológicas que os sujeitos ocupam enquanto sujeitos de enunciação, como diz Pêcheux na citação acima, que as palavras e expressões retiram seu sentido. Além disso, também é sabido que um discurso pode estar subsidiado por diferentes FDs, competindo aos/às analistas a remissão das enunciações a estas respectivas FDs. Dessa forma, refletindo acerca do caráter polêmico do discurso do documentário *A Braskem passou por aqui: a catástrofe de Maceió*, nos compete perguntar: que FDs subsidiam as enunciações acima citadas, que visam resistir aos efeitos de sentido presentes na ideia de “realocação” recorrentemente mobilizada nas práticas discursivas da empresa Braskem S.A.?

Gostaríamos de remeter as enunciações até aqui analisadas a uma FD forjada como crítica a aspectos específicos do funcionamento do sistema capitalista, e que iremos denominar de “formação discursiva do direito à cidade”, tomando como referência os trabalhos realizados pelos pensadores marxistas Henri Lefebvre (2001) e David Harvey (2014). Duas questões são importantes antes de avançarmos no trabalho com a noção de “direito à cidade”³. A primeira tem a ver com o que nos lembra Harvey (2014), quando

3 De acordo com Harvey (2014, p. 28) “o direito à cidade é muito mais que um direito de acesso individual ou grupal aos recursos que a cidade incorpora: é um direito de mudar e reinventar a cidade mais de acordo com nossos mais profundos desejos. Além disso, é um direito mais coletivo de que individual, uma vez que reinventar a cidade depende

nos adverte que o surgimento dessas reflexões no trabalho de Lefebvre visava sanar certa lacuna na tradição do marxismo convencional no que diz respeito ao lugar do urbano no contexto das estratégias revolucionárias. A segunda questão, com a qual desejamos evitar uma posição idealista neste trabalho, tem a ver com o fato de que a ideia de “direito à cidade” não surge a partir da especulação intelectual, mas, de acordo com Harvey (2014, p. 15), ela “surge das ruas, dos bairros, como um grito de socorro e amparo de pessoas oprimidas em tempos de desespero”.

Os antagonismos de classes relacionados aos contextos especificamente urbanos envolvem interesses econômicos de natureza múltipla e diversificada. Em função dos limites deste trabalho, gostaríamos de remeter as enunciações até aqui analisadas a um tópico específico da formação discursiva do direito à cidade que tem a ver com os interesses do setor imobiliário, e com o conceito de “gentrificação” amplamente utilizado nesses debates. Por gentrificação deve-se entender os movimentos que levam grandes grupos capitalistas a praticarem o que Harvey (2014) chama de “destruição criativa” em áreas específicas das cidades, cuja finalidade tem a ver com o êxodo compulsório das comunidades residentes nessas áreas e a transferência de sua posse a estes mesmos grupos representantes do grande capital. Conforme esse geógrafo vinculado ao materialismo histórico-dialético, a gentrificação tem sido prática corriqueira, e de certa forma um *modus operandi* com o qual grupos vinculados à especulação imobiliária vão expandindo seus negócios em diferentes comunidades mundo afora. Quando os sujeitos de enunciação articulam os dizeres que analisamos até aqui, colocando em movimento os sentidos de “expulsão”, de “expropriação” e de “destruição da vida” dentro das condições materiais imediatas nas quais se situam, a partir da posição ideológica que ocupam, eles se vinculam a uma memória discursiva ligada à resistência de outras comunidades anteriormente violentadas pela volúpia do capital na direção dos espaços das cidades.

Apesar de estarmos utilizando o binômio polêmico-político para demarcar o funcionamento do discurso presente no documentário *A Braskem passou por aqui: a catástrofe de Maceió*, não pretendemos situar a polêmica e o político como momentos distintos, como se fossem movimentos semânticos diferenciados. Pelo contrário, compreendemos que ao funcionar polemicamente essa materialidade linguística busca cumprir uma função política relativa à resistência nos jogos de poder e nas lutas de classe onde se insere. Afinal, como nos adverte Orlandi (2017), todo discurso é político. Ao analisar o documentário *São Carlos/1968*, esta autora (ORLANDI, 2017, p. 55) chega a se referir a este tipo de produção simbólica (os documentários) como “algo que fala de um acontecimento que se torna, por assim dizer, político, para além da ‘intenção’ declarada de seus participantes”. E indo um pouco além disso, em referência específica ao documentário *São Carlos/1968*, esta autora sustenta que teríamos aí um “acontecimento discursivo” produzido por diferentes materialidades significantes como ima-

gens, cores, dizeres, sons, dentre outras.

Dentre os elementos não-verbais que devem ser analisados no discurso do documentário *A Braskem passou por aqui: a catástrofe de Maceió*, destacáramos a movimentação da câmera, que é única, e as tomadas e imagens produzidas por esta movimentação. O modo como tais imagens são produzidas tenta reproduzir uma caminhada feita pelo perímetro dos bairros afetados pelo crime socioambiental em questão. Em oposição às imagens aéreas (distantes, difusas, panorâmicas) majoritariamente presentes nas peças publicitárias e nos outros materiais simbólicos produzidos pela empresa Braskem S.A. para serem veiculados nos meios de comunicação à sua disposição, no documentário que estamos analisando as imagens são produzidas com o intuito de colocar os(as) expectadores(as) em contato próximo com os efeitos materiais do afundamento dos solos nesses bairros. A câmera circula pelas ruas, pelas margens de lagoas, por locais de diferentes atividades laborativas, pelo interior das residências e demais edificações destruídas, expondo o(a) expectador(a) a fendas, fissuras, rachaduras e crateras, assim como à situação de abandono e de vazio onipresentes. Desse modo, é possível afirmar que temos aí um tipo específico de interpelação ideológica em que a exposição e a proximidade com a dor, com o sofrimento, com as perdas materiais, com as redes de sociabilidade, isto é, com toda dimensão “espetacular” desses fatos, funciona na tentativa de produzir sensibilização.

Além das questões que já tratamos até aqui, o político é discursivizado no documentário *A Braskem passou por aqui: a catástrofe de Maceió* de muitos outros modos, e o recurso da metáfora deve ser destacado dentre eles. Contudo, é importante não perder de vista, como nos lembra Orlandi (2020), que não estamos falando da metáfora como “figura de linguagem”, mas como a tomada de uma palavra por outra no movimento da produção de significação por parte dos interlocutores em questão. Em referência a Pêcheux, essa autora ainda nos lembra que “em princípio, não há sentido sem metáfora”, e que

o sentido existe exclusivamente nas relações de metáfora (realizadas em efeitos de substituição, paráfrases, formação de sinônimos) das quais uma formação discursiva vem a ser historicamente o lugar mais ou menos provisório (ORLANDI, 2020, p. 42).

O caráter político do documentário que estamos analisando é explicitado no modo como diferentes sujeitos de enunciação aí presentes produzem sentidos acerca dos efeitos destrutivos da subsidência dos solos. Para alguns desses sujeitos, não se trata de mera ação de forças da natureza, mas de uma “guerra”, como se pode notar nestas sequências discursivas: “hoje você anda pelo bairro e a sensação é de um ambiente de guerra” (S/D 4). Essas significações, por sua vez, estão ancoradas em elementos interdiscursivos e pré-construídos relativos a conflitos armados que ocorreram na presente geração, estando presentes de modo mais vívido na memória discursiva desses sujeitos de enunciação. É o que se percebe na seguinte S/D: “a situação que estamos vendo aqui parece a guerra do Iraque” (S/D 5); ou ainda nesta: “se filmar isso do ponto de vista aéreo e comparar com uma imagem da Síria, talvez as pessoas não saibam separar o que aconteceu no

Pinheiro, Bebedouro, Bom Parto e Mutange, tamanha a devastação” (S/D 6). Apesar de não se inscrever numa perspectiva de análise que contempla os conflitos de classe, Michel Foucault (2005, p. 23), invertendo o aforismo de Clausewitz⁴, havia afirmado que os conflitos em torno do poder que permeiam as diferentes formações sociais devem ser vistos como a “continuação da guerra”, ou como a “guerra por outros meios”. Em função do nosso dispositivo analítico, vinculado ao materialismo histórico e dialético, interessa-nos situar essa discursividade no contexto dos antagonismos de classe, assim como dos interesses que opõem a classe e o estado burgueses aos interesses da classe trabalhadora.

A metáfora da guerra presente nessas enunciações, portanto, não pode ser vista como simples figura de linguagem. Diante dos efeitos devastadores da atividade de megamineração – neste caso refletidos na destruição física dos bairros maceioenses – esses sujeitos falam de uma posição que se vincula à memória discursiva que evidencia os conflitos e antagonismos que marcam as formações sociais capitalistas. Discursivizar acerca dos efeitos devastadores da megamineração nos termos de uma “guerra”, nesta posição ideológica, significa reconhecer o caráter profundamente conflitivo presente nas formações sociais capitalistas, desnaturalizando o tipo de vínculo existente entre a classe dominante e o corpo social como um todo. Como Marx (2005) havia apontado desde o *Manifesto Comunista*, as relações de produção gerenciadas pela classe burguesa são impostas às formações sociais de modo brutal, e pelos meios que forem necessários a esse propósito, ainda que os mais sórdidos.

5. Considerações finais

Evidentemente, não é pretensão deste trabalho esgotar as possibilidades de discussão sobre a temática aqui tratada. Pelo contrário, este trabalho objetiva abrir o debate e convidar a outras pesquisadoras e pesquisadores a se debruçarem sobre os processos discursivos relacionados a este que é um dos braços mais perversos do modo capitalista de produção na atualidade, que é a megamineração. Este setor produtivo tem sido objeto de análises em outros campos do conhecimento, que vão desde as Ciências Sociais, passando pela Economia e também pelas ciências que tomam os dilemas ecológicos como um objeto de estudo e intervenção. Isso tem sido assim dada a heterogeneidade de dilemas e conflitos socioambientais oriundos do extrativismo de grande escala. Consideramos oportuno que as Ciências da Linguagem também se aproximem cada vez mais desse campo, e de um modo geral, este trabalho visa contribuir nessa direção.

Compreendemos, de outro modo, que as análises aqui empreendidas tocam de modo muito parcial nas questões que poderiam ser trazidas para o debate, dado o grande número de formações discursivas que se pode reconhecer subsidiando o discurso do documentário *A Braskem passou por aqui: a catástrofe de Maceió*. Um importante tema presente nas enunciações que

4 “A guerra não é mais que a continuação da política por outros meios; ela não é somente um ato político, mas um verdadeiro instrumento da política, seu prosseguimento por outros meios” (FOUCAULT, 2005, p. 22).

constituem esse discurso, e que deverá ensejar novos trabalhos de análise de nossa parte, tem a ver com a saúde das populações atingidas pelo crime socioambiental da Braskem S.A. em Maceió. O valor dessa discussão específica, ainda que feita a partir de uma situação geograficamente localizada, tem a ver com a oportunidade de aprofundarmos nossos conhecimentos acerca das relações entre o modo de produção capitalista e a saúde coletiva. Dessa forma, entendemos que a Análise de Discurso de base materialista tem enormes contribuições a oferecer.

Finalmente, gostaríamos de concluir enfatizando a dimensão da resistência presente no discurso do documentário *A Braskem passou por aqui: a catástrofe de Maceió*. Como nos advertia Pêcheux (2015, p. 281) na conclusão do Anexo III de *Semântica e discurso*, “não há dominação sem resistência”. Com essas palavras, esse filósofo compreende a resistência como uma necessidade inerente aos antagonismos de classe presentes nas formações sociais capitalistas. Finalizamos essa discussão ratificando que o documentário em questão visa cumprir esse papel, ainda que de modo dissimétrico e desigual em relação às práticas discursivas da empresa Braskem S.A., ao fazer circular sentidos que se opõem ao discurso da megamineração em Alagoas. Nesta oposição de caráter polêmico-política os sentidos postos em circulação, em relação aos efeitos socioambientais da atividade de megamineração, têm a ver com a morte de comunidades e com a guerra imposta pelo capital ao corpo social.

Referências

ARÁOZ, Horacio M. **Mineração, genealogia do desastre**: o extrativismo na América como origem da modernidade. Trad. João Pontes. São Paulo: Elefante, 2020.

CAVALCANTE, Joaldo. **Salgema**: do erro à tragédia. Maceió: CESMAC, 2020.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fones, 2005.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. 19. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983

GALINDO, Abel. **Comunicação oral [palestra]**. Maceió, 2021.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes**: do direito à cidade à revolução urbana. Trad. Jeferson Camargo, São Paulo: Martins Fontes, 2014

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. Trad. Rubens Eduardo Frias, São Paulo: Centauro, 2001

MARX, Karl. **Manifesto Comunista**. São Paulo: Boitempo, 2005

NASCIMENTO, Paulo; SILVA SOBRINHO, Helson F. A “língua” da minera-

ção: discurso e produção de sentidos na comunicação midiática da empresa Braskem S.A. em Maceió. **Revista Rua**, v. 28, n. 1, p. 05-25, junho, 2022

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 13ª edição, Campinas: Pontes Editores, 2020

_____. Análise de discurso. In: ORLANDI, Eni.; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy (orgs.). **Discurso e textualidade**. Campinas: Pontes, 2006

_____. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2007

_____. Documentário: acontecimento discursivo, memória e interpretação. In: **Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia**. 3. ed. Campinas: Pontes, 2017.

_____. Nota introdutória à tradução brasileira. In: CONEIN, Bernard *et al* (org.). **Materialidades discursivas**. Campinas: Editora da Unicamp, 2016.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 5. ed. Trad de Eni P. Orlandi, Campinas: Editora da Unicamp, 1975.

RUIZ, Mauro Silva *et al*. Abordagens de conflitos socioambientais em caso d subsidência de minas de carvão no Brasil e nos EUA. **Ambiente & Sociedade**, v. XVII, n. 2, p. 129-156, abr./jun., São Paulo, 2014.

SVAMPA, Maristella. **As fronteiras do neoextrativismo na América Latina**: conflitos socioambientais, giro ecoterritorial e novas dependências. São Paulo: Elefante, 2020.